

**PET Indígena**

29 de maio de 2020 · 🌐



"Acredito que durante essa quarentena teremos tempo para repensar nossos atos e atitudes. Começando pela nossa relação com a natureza, porque, de alguma forma, esse é o resultado dos atos dos homens contra a natureza e ela achou uma maneira de chamar a nossa atenção", destaca Lenise Felício Batista, do povo Palikur-Arukwayne. Leia, comente, curta e compartilhe. Nos ajude a divulgar! [#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)

Sou Lenise Felício Batista, sou Palikur-Arukwayene, sou da Aldeia Kumenê, na Terra Indígena Uaçá. Sou da turma 2017 do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Deixei a cidade e retornei para aldeia para ficar com a minha família durante a pandemia. O principal motivo de sair da cidade foi a segurança da minha filha que acabara de nascer, pois ficar na cidade seria mais arriscado, e nós sabíamos que tudo iria se complicar com a chegada do Covid-19. Fiquei durante um mês na Aldeia Kumenê, mas por motivos pessoais acabei me mudando para a Aldeia Manga, aldeia do meu esposo, onde estou hoje. Estamos vivendo uma experiência de isolamento social onde todos nós temos que ficar em casa, único meio de proteção e combate ao Coronavírus. Nossos caciques tiveram que adotar medidas de proteção contra a Covid-19, como usar máscaras, evitar aglomeração de pessoas, proibir entrada de não indígenas e indígenas vindos da cidade. Muitas pessoas tiveram que deixar de vender sua farinha na cidade, visitar seus parentes, reunir os amigos e familiares no final de semana, passear pela aldeia no final do dia e tomar banho no rio com os amigos, pois o confinamento não nos permite mais a liberdade que tínhamos.

O mundo inteiro está vivendo o caos, o medo, a insegurança e, principalmente, o luto causado por essa nova ameaça chamada Coronavírus. Enfrentamos um inimigo terrível que deixa seu rastro por onde passa, um inimigo que não escolhe suas vítimas, apenas destrói o que tem pelo caminho, destrói sonhos, separa famílias e tira vidas. Há dois meses estamos isolados em nossas aldeias, pois sabemos o perigo que corremos se continuarmos indo para cidade. O fato de estarmos na aldeia não quer dizer que estamos totalmente protegidos, muito pelo contrário, mais do que nunca teremos que redobrar o cuidado para proteger nossas famílias, pois a ameaça é algo invisível.

Os moradores da Aldeia Manga vivem dias de tensão pelo fato da aldeia ser a mais próxima da cidade, algumas famílias deixaram a Aldeia Manga para ficar com famílias que moram em outras aldeias, rio abaixo, ou se isolar em sítios e terrenos longe da aldeia, afim de não ter contato com as pessoas. Quando digo que vivemos momentos de tensão quero dizer que estamos sendo encurralados no nosso próprio território. Como em todo mundo, há conflitos entre as pessoas que partilham diferentes opiniões em relação ao isolamento social, muitos tem a consciência da importância de seguir as regras do confinamento para o bem da comunidade, outros simplesmente não entendem. Acredito que durante essa quarentena teremos tempo para repensar nossos atos e atitudes. Começando pela nossa relação com a natureza, porque, de alguma forma, esse é o resultado dos atos dos homens contra a natureza e ela achou uma

maneira de chamar a nossa atenção. Ailton Krenak diz que "o que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa." Filho, silêncio." A terra está falando isso para a humanidade." De fato, o que estamos vivendo hoje é uma prova de que a Mãe Natureza sabe punir quando quer e ao fazer isso fará do jeito dela. Esse novo vírus pode ser uma pequena amostra de que tudo que o ser humano cria ou produz pode se voltar contra ele.

Nesta quarentena estamos tendo a experiência de viver como nossos antepassados viviam antigamente e descobrimos que viver do jeito que eles viviam antes do contato com os parana (não índios) já não é mais viável. Percebi que se for para deixar de viver como vivemos hoje e voltar a viver como os antigos viviam, muitos prefeririam viver como vivem hoje, porque já estão acostumados com as coisas básicas que a vida moderna oferece. Eu acordo todos os dias pensando que a qualquer momento esse vírus pode chegar até nós, medo de perder meus entes queridos para esse vírus. Tenho esperança que tudo irá ficar bem e que todos irão passar bem por tudo isso. Sei que muitas coisas não serão como antes, muitas famílias sentirão falta de alguém que se foi, um irmão (ã) um pai, um filho (a) uma mãe ou esposo (a). Espero que depois da tempestade o sol brilhe no céu.

Aldeia Manga, 26 de maio de 2020

Je suis Lenise Felício Batista, je suis Palikur-Arukwayene, je suis du village Kumenê dans la Terre Indigène Uaçá. Je suis de la promotion 2017 du cours de Licence Interculturelle Indigène et membre du PET-Indigena. J'ai quitté la ville et je suis retourné au village pour rester avec ma famille pendant la pandémie. La principale raison de quitter la ville était la sécurité de ma fille qui venait de naître, car rester dans la ville serait plus risqué, et nous savions que tout allait se compliquer avec l'arrivée du Covid-19.

Je suis restée au village Kumenê pendant un mois, mais pour des raisons personnelles, j'ai fini par déménager au village Manga, le village de mon mari, où je suis aujourd'hui. Nous vivons une expérience d'isolement social où nous devons tous rester chez nous, seul moyen de protéger et de combattre le coronavirus. Nos autorités ont dû adopter des mesures de protection contre Covid-19, telles que le port de masques, éviter les foules de personnes, interdire l'entrée des non-autochtones et des autochtones de la ville. Beaucoup de gens ont dû arrêter de vendre leur farine dans la ville, rendre visite à leurs proches, réunir des amis et de la famille dans la fin de la semaine, se promener dans le village à la fin de la journée et se baigner dans la rivière avec des amis, car le confinement ne nous permet plus de la liberté que nous avons.

Le monde entier connaît le chaos, la peur, l'insécurité et principalement le deuil causé par cette nouvelle menace appelée Coronavirus. Nous sommes confrontés à un terrible ennemi qui laisse sa trace partout où il va, un ennemi qui ne choisit pas ses victimes, détruit seulement ce qu'il a sur le chemin, détruit les rêves, sépare les familles et prend des vies. Nous sommes isolés dans nos villages depuis deux mois, car nous savons le danger que nous courons si nous continuons à aller en ville. Le fait que nous soyons dans le village ne signifie pas que nous sommes entièrement protégés, bien au contraire, nous devons plus que jamais redoubler de soin pour protéger nos familles, car la menace est quelque chose d'invisible.

Les habitants du village Manga vivent des jours de tension car le village est le plus proche de la ville, certaines familles ont quitté le village Manga pour rester avec des familles qui vivent dans d'autres villages, en aval, ou pour s'isoler dans des endroits et des terres loin du village, afin de ne pas avoir de contact avec les gens. Quand je dis que nous vivons des moments de tension, je veux dire que nous sommes acculés sur notre propre territoire. Comme pour tout le monde, il y a des conflits entre des personnes qui partagent des opinions différentes sur l'isolement social, beaucoup sont conscients de l'importance de suivre les règles de l'emprisonnement pour le bien de la communauté, d'autres ne comprennent tout simplement pas. Je pense que pendant cette quarantaine, nous aurons le temps de repenser nos actions et nos attitudes. À commencer par notre relation avec la nature car, en quelque sorte c'est le résultat des actes de l'homme contre la nature et elle a trouvé un moyen d'attirer notre attention. Ailton Krenak dit que "ce que nous vivons peut être le travail d'une mère aimante qui a décidé de fermer son fils pendant au moins un instant. Pas parce qu'elle ne l'aime pas, mais parce qu'elle veut lui apprendre quelque chose." Fils, silence. "La terre dit cela à l'humanité." En fait, ce que nous vivons aujourd'hui est la preuve que Mère Nature sait punir quand elle le veut et ce faisant, elle le fera à sa façon contre lui.

Dans cette quarantaine, nous avons l'expérience de vivre comme nos ancêtres l'ont fait dans le passé et nous avons constaté que vivre comme ils le faisaient avant le contact avec les paranah (pas les Indiens) n'est plus viable. J'ai réalisé que si c'était pour cesser de vivre comme nous vivons aujourd'hui et retourner vivre comme les anciens, beaucoup préféreraient vivre comme ils le font aujourd'hui, car ils sont déjà habitués aux choses de base que la vie moderne offre. Je me réveille chaque jour en pensant qu'à tout moment ce virus peut nous atteindre, de peur de perdre mes proches à cause de ce virus. J'espère que tout ira bien et que tout le monde ira bien. Je sais que beaucoup de choses ne seront plus les mêmes qu'avant, beaucoup de familles manqueront à quelqu'un qui est parti, un frère, une soeur, un père, une mère, un fils, une fille ou un mari, une épouse. J'espère qu'après la tempête le soleil brillera dans le ciel.

Village Manga, 26 de maio de 2020

Traduit par Johnson Morancy

"I'm Lenise Felício Batista, I'm a Palikur-Arukwayene person, I'm from Kumenê village, in the Uaçá indigenous land. I am part of the 2017 class of the Bachelor Degree in the Indigenous Intercultural Course and a member of the Tutorial Education Program (PET-Indígena).

I left the city and returned to the village to stay with my family during the pandemic. The main reason for leaving the city was the safety of my daughter who had just been born because I think that staying in the city would be riskier, and we knew that everything was going to get complicated with the arrival of Covid-19. I stayed in the Kumenê village for a month, but for personal reasons I ended up moving to the Manga village, which is my husband's village, where I am living today.

We have been living this experience of social isolation where the only way of protecting and fighting against coronavirus is staying at home. Our tribal chiefs (caciques) had to adopt protective measures against Covid-19, such as wearing masks, avoiding crowds of people, prohibiting the entry of non-indigenous and indigenous people from the city. Many people had

to stop selling their flour(farinha) in the city, visiting their relatives, gathering friends and family on the weekend, strolling through the village at the end of the day and bathe in the river with friends, as confinement no longer allows us to have the freedom that we had before.

The whole world is experiencing chaos, fear, insecurity and, mainly, the mourning caused by this new threat called coronavirus. We have been facing a terrible enemy that leaves its trail wherever it goes, an enemy that does not choose its victims, only destroys what it has on the way. It destroys dreams, separates families and takes away lives. We have been isolated in our villages for two months, because we know the danger of keeping going to the city. The fact that we are in the village does not mean that we are fully protected, quite the contrary; more than ever we will have to intensify our care to protect our families, due to this invisible threat.

The residents of the Manga village live days of tension because the village is the closest to the city, some families left Manga to stay with families who live in other villages, downstream, or to isolate themselves in places and land far from the village, in order not to have contact with many people. When I say that we live moments of tension I mean that we are being cornered in our own territory. There are conflicts between people who share different opinions regarding to social isolation everywhere, many of them are aware of the importance of following the confinement rules for the good of the community, but other people just do not understand it. I believe that during this quarantine we will have time to rethink our actions and attitudes.

Starting with our relationship with nature, because, in some way, this is the result of man's acts against nature and she found a way to get our attention. Ailton Krenak says that "what we are experiencing may be the work of a loving mother who decided to shut her son up for at least for a moment. Not because she doesn't like him, but because she wants to teach him something." Son, silence. "The earth is saying this to humanity." In fact, what we are experiencing today is proof that Mother Nature knows how to punish us in her way when she wants to. This new virus can be a small sample that everything that human beings create or produce can turn against them.

In this quarantine, we are having the experience of living as our ancestors did in the past. We thought that living the way they did before the first contact with the paranah (not-indigenous people) would be unfeasible. I realized that if we had to stop living as we live today and return to live as the ancients did, many would prefer to live as they do today, because they are already used to the basic things that modern life offers. I wake up every day thinking that at any moment this virus can reach us. I am afraid of losing my loved ones to this virus. I hope that everything will be fine and that everyone will be fine. I know that many things will not be the same as before, many families will miss someone who is gone, a brother, a sister, a father, a son, a mother or a partner. I hope that after the storm the sun will shine in the sky."

Manga Village, May 26, 2020

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

"I'm Lenise Felício Batista, I'm a Palikur-Arukwayene person, I'm from Kumenê village, in the Uaçá indigenous land. I am part of the 2017 class of the Bachelor Degree in the Indigenous Intercultural Course and a member of the Tutorial Education Program (PET-Indígena).

I left the city and returned to the village to stay with my family during the pandemic. The main

reason for leaving the city was the safety of my daughter who had just been born because I think that staying in the city would be riskier, and we knew that everything was going to get complicated with the arrival of Covid-19. I stayed in the Kumenê village for a month, but for personal reasons I ended up moving to the Manga village, which is my husband's village, where I am living today.

We have been living this experience of social isolation where the only way of protecting and fighting against coronavirus is staying at home. Our tribal chiefs (caciques) had to adopt protective measures against Covid-19, such as wearing masks, avoiding crowds of people, prohibiting the entry of non-indigenous and indigenous people from the city. Many people had to stop selling their flour (farinha) in the city, visiting their relatives, gathering friends and family on the weekend, strolling through the village at the end of the day and bathe in the river with friends, as confinement no longer allows us to have the freedom that we had before.

The whole world is experiencing chaos, fear, insecurity and, mainly, the mourning caused by this new threat called coronavirus. We have been facing a terrible enemy that leaves its trail wherever it goes, an enemy that does not choose its victims, only destroys what it has on the way. It destroys dreams, separates families and takes away lives. We have been isolated in our villages for two months, because we know the danger of keeping going to the city. The fact that we are in the village does not mean that we are fully protected, quite the contrary; more than ever we will have to intensify our care to protect our families, due to this invisible threat.

The residents of the Manga village live days of tension because the village is the closest to the city, some families left Manga to stay with families who live in other villages, downstream, or to isolate themselves in places and land far from the village, in order not to have contact with many people. When I say that we live moments of tension I mean that we are being cornered in our own territory. There are conflicts between people who share different opinions regarding to social isolation everywhere, many of them are aware of the importance of following the confinement rules for the good of the community, but other people just do not understand it. I believe that during this quarantine we will have time to rethink our actions and attitudes.

Starting with our relationship with nature, because, in some way, this is the result of man's acts against nature and she found a way to get our attention. Ailton Krenak says that "what we are experiencing may be the work of a loving mother who decided to shut her son up for at least for a moment. Not because she doesn't like him, but because she wants to teach him something." Son, silence. "The earth is saying this to humanity." In fact, what we are experiencing today is proof that Mother Nature knows how to punish us in her way when she wants to. This new virus can be a small sample that everything that human beings create or produce can turn against them.

In this quarantine, we are having the experience of living as our ancestors did in the past. We thought that living the way they did before the first contact with the paranah (not-indigenous people) would be unfeasible. I realized that if we had to stop living as we live today and return to live as the ancients did, many would prefer to live as they do today, because they are already used to the basic things that modern life offers. I wake up every day thinking that at any moment this virus can reach us. I am afraid of losing my loved ones to this virus. I hope that everything will be fine and that everyone will be fine. I know that many things will not be the

same as before, many families will miss someone who is gone, a brother, a sister, a father, a son, a mother or a partner. I hope that after the storm the sun will shine in the sky."

Manga Village, May 26, 2020

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

Soy Lenise Felicio Batista, de Palikur-Arukwayene, de la aldea Kumenê, ubicada en tierra indígena Uaçá. Promoción 2017 del curso de Licenciatura Intercultural Indígena y integrante del PET-Indígena.

Dejé la ciudad y regresé a la aldea, permanecer con mi familia durante la pandemia. El principal motivo de salir de la ciudad fue para velar por la seguridad de mi hija que acabó de nacer, permanecer en la ciudad sería más arriesgado, y nosotras sabíamos que comenzaría a complicarse con la llegada del Covid-19. Permanecí durante un mes en la aldea Kumenê, pero por motivos personales me mudé a la aldea Manga, aldea de mi esposo, donde permanezco ahora. Estamos viviendo una experiencia de aislamiento social donde todos debemos permanecer en casa, único medio de protección y combate al coronavirus. Nuestros caciques tuvieron que adoptar medidas de protección contra el Covid-19, como el uso de máscaras, evitar la congestión de personas, prohibir el ingreso tanto de personas no indígenas e indígenas que viven en la ciudad. Muchas personas tuvieron que dejar de vender su farinha (harina de yuca) en la ciudad, visitar sus parientes, unirse con los amigos y familiares en final de semana, pasear por la aldea en final del día y tomar baño en el río con los amigos, debido a que, el confinamiento no nos permitía, la libertad que teníamos antes.

El mundo entero está viviendo el caos, miedo, inseguridad y, principalmente el luto causado por esta nueva amenaza denominada coronavirus. Enfrentamos a un enemigo terrible que deja su rastro por lugar que pasa, un enemigo que no escoges las víctimas, apenas destruye lo que está en su camino, destruye sueños e ilusiones, separa familias y roba vidas. Hace 2 meses estábamos aislados en nuestras aldeas, pero sabemos el peligro que corremos si continuamos yendo a la ciudad. El hecho de permanecer en la aldea no quiere decir que estamos totalmente protegidos, muy por el contrario, más de que nunca tenemos que redoblar el cuidado para proteger nuestras familias, porque la amenaza es algo invisible.

Los pobladores de la aldea Manga viven días de tensión por el solo hecho de que la aldea está más próxima de la ciudad, algunas familias dejaron la aldea para permanecer con familias que viven en otras aldeas, aguas abajo, o sea estar en sitios y terrenos lejanos de la aldea, con el objetivo de no tener contacto con las personas. Cuando digo que vivimos momentos de tensión quiero decir que estamos siendo aprisionados en nuestro propio territorio. Como en todo mundo, hay conflictos entre las personas que divergen en opiniones en relación al aislamiento social, muchos en la conciencia de la importancia de seguir las reglas de confinamiento para el bien de la comunidad, pero otros simplemente no entienden. Creo que durante esta cuarentena tendremos tiempo para repensar nuestros actos y actitudes. Comenzando por nuestra relación con la naturaleza, porque, de alguna manera, es el resultado de nuestras acciones que cometemos los hombres a la naturaleza y ella encontró una forma de llamar nuestra atención. Ailton Krenak dice que "lo que estamos viviendo puede ser obra de una madre amorosa que decidió callar la boca al hijo por lo menos un instante. No porque no gusta de él, sino porque

quiere darle una lección". Hijo, silencio. "La tierra está hablando eso para la humanidad". De hecho, lo que estamos viviendo hoy es una prueba de que la madre naturaleza sabe castigar cuando quiere y lo hará del modo que cree mejor. Este nuevo virus puede ser una pequeña muestra de lo que todo ser humano crea o produce, e se puede venir contra él.

En esta cuarentena estamos teniendo la experiencia de vivir como nuestros antepasados vivían antiguamente y descubrimos que vivir de la forma que ellos vivían antes del contacto con los parana (no indios) ya no es viable. Percibe que si, fuera para dejar de vivir como vivimos hoy y volver a vivir como los antiguos, muchos preferirían vivir como hoy, porque ya están acostumbrados a las cosas básicas que la vida moderna ofrece. Despierto todos los días pensando que a cualquier momento ese virus puede llegar hasta nosotros, miedo de perder mis seres queridos por ese virus. Tengo la esperanza de que todo resultara bien y que todos queremos pasar por todo eso de la mejor manera. Sé que muchas cosas no serán como antes, muchas familias sentirán la falta de alguien que se fue, un hermano(a), un padre, un hijo(a), una madre o esposo(a). Espero que después de esta tempestad el sol brille en el cielo.

Aldea Manga, 26 de mayo de 2020


Traducido por Carlos Armando Reyes Flores





PET Indígena

Site educacional

 **Enviar mensagem**

  130

3 comentários 22 compartilhamentos